

“CAMINHADAS DE UNIVERSITÁRIOS DE ORIGEM POPULAR”:

MEMÓRIAS ESCOLARES SOBRE O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO

JULIANA ATHAYDE SILVA DE MORAIS¹

INTRODUÇÃO

A análise da autobiografia que segue é parte do relato de vida de uma universitária mineira, estudante da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que conta, através de suas memórias escolares, seus caminhos iniciados em escolas públicas rumo a uma instituição federal de ensino superior na capital do estado, Belo Horizonte.

A trajetória faz parte de uma coletânea publicada pelo Ministério da Educação denominada “Caminhadas de Universitários de Origem Popular”, inserindo-se no contexto de nova expansão e maior diversidade do ensino superior brasileiro, em que políticas educacionais federais atuais incentivam o que se chama de inclusão social e democratização do acesso ao ensino superior – tanto no setor público, como privado. A produção da coletânea constituiu-se como uma primeira etapa do “Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares”, projeto ainda vigente na maioria das universidades federais, e envolveu 2.200 estudantes em todo país. A coletânea é composta por trinta e três livros, representativos de cada uma das universidades federais envolvidas no projeto. Os livros

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: juliana.athayde8@gmail.com.

foram escritos de 2004 a 2008, e publicados de acordo com a finalização de cada trabalho. O projeto envolveu professores, coordenadores e alunos de “origem popular” – estes recebiam uma bolsa de iniciação científica para elaborarem a escrita de suas trajetórias escolares rumo à universidade federal. O material permite captar regularidades e singularidades em relação ao acesso ao ensino superior público brasileiro, recuperando memórias escolares de parcela da última geração de alunos oriundos de comunidades populares que ingressou em universidades federais exclusivamente pela seleção do vestibular.²

São memórias das vivências escolares rumo à universidade, contadas por aqueles que constituem um grupo de exceção frente à composição social das instituições federais de ensino superior no Brasil.

Existem algumas diferenças em relação às condições de produção dos livros, aos debates realizados pelo conjunto de alunos e professores e ao processo de edição final do material em cada universidade. Este artigo terá como foco a análise de uma trajetória escolar da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que teve seu livro publicado em 2006, ressaltando a riqueza subjetiva presente no material. Em uma das melhores universidades federais do país,³ a UFMG, a seleção do núcleo de bolsistas para

2 A análise realizada em meu projeto de mestrado restringe-se a quatro universidades federais (UFMG, UFPA, UFPE e UnB) que desenvolveram a coletânea “Caminhadas de universitários de origem popular” entre 2004 e 2006, sendo composta, portanto, por estudantes que necessariamente ingressaram na universidade anteriormente a 2005. Cabe ressaltar que a Universidade de Brasília foi a primeira universidade federal a ter o sistema de cotas implementado, em 2004. Lido com um conjunto de 110 jovens que estudaram majoritariamente em escolas públicas e ingressaram nas universidades acima mencionadas por vestibular.

3 Segundo *ranking* recente, a UFMG está na 13ª colocação de melhores universidades da América Latina. Divulgado em 13/06/2012 pela QS (Quacquarelli Symonds), do Reino Unido. Fonte: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/ufrij-sobe-11-posicoes-em-ranking-das-melhores-universidades-da-america-latina-20120613.html>. “Os *rankings* são sustentados por quatro pilares: pesquisa, ensino, empregabilidade e internacionalização.” Disponível em: http://www.ufrij.br/mostranoticia.php?noticia=13002_Universidade-entra-para-lista-das--melhores-da-America-Latina.html. Acesso em: 20/06/2012.

participação no projeto e na escrita do livro foi realizada pelo envolvimento prévio dos estudantes com movimentos sociais e pela autoidentificação étnica dos mesmos enquanto “pretos ou pardos”, como consta na apresentação do livro (UFMG 2006, 9).

Os jovens com esse perfil foram identificados através da Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP), que desenvolve programas de assistência estudantil na UFMG relacionados à alimentação, à moradia universitária, à assistência à saúde e ao auxílio financeiro (bolsas e empréstimo). A seleção para obter auxílios da FUMP é realizada a partir do preenchimento de um questionário socioeconômico. A análise desses questionários divide os estudantes em três níveis: I) estudantes que apresentam grande dificuldade – em relação a alimentação, moradia, transporte e material escolar, II) estudantes que apresentam nível de dificuldade intermediária e III) estudantes que apresentam baixo grau de dificuldade para se manter na universidade. Os selecionados para o Programa Conexões de Saberes enquadravam-se nos níveis I e II da FUMP.

Cabe ressaltar que a sistematização dos relatos de estudantes da UFMG em formato de livro é resultado de dez meses de trabalho em equipe; trabalho este que cumpriu programas de leituras e que envolveu muitas discussões sobre memória, acesso à universidade e sobre a escrita de si. Não houve um momento de isolamento integral do autor para a escrita da trajetória escolar que veio a ser publicada. Ao contrário, os relatos dos coordenadores sobre o projeto indicam que o produto final, a escrita das trajetórias, foi uma produção coletiva que possibilitou o resgate de muitas situações compartilhadas entre os estudantes.

Através dos memoriais escolares contidos na coletânea “busca-se conceder voz a esses estudantes e ampliar sua visibilidade nas universidades públicas e em outros espaços sociais” (UFMG 2006, 7): é válido destacar o vínculo político do processo de escrita de memórias escolares, em que os estudantes podem aproveitar desta ocasião excepcional para testemunhar, se fazer ouvir e divulgar uma realidade brasileira que julgam desconhecida,

ao menos, no ambiente universitário. As apresentações e representações de si dependem do interlocutor que se coloca no diálogo e dos objetivos que se quer com tal narração.

O que antes, então, constituíam memórias “subterrâneas” ou “clandestinas” (Pollak 1989), transformam-se da condição de “não dito” para a condição de contestação e reivindicação através da publicação dos memoriais. Os livros tornam-se a possibilidade de divulgação de um projeto social para o restante da sociedade, ilustrado pelas trajetórias individuais.

Essa “autoanálise provocada e acompanhada” (Bourdieu 1993) é uma oportunidade também de se explicar, de construir seu próprio ponto de vista sobre si mesmos e sobre a realidade que vivem, especificamente, de exclusão das camadas populares do direito à universidade pública.

Ao privilegiar a análise de apenas uma trajetória escolar, limito-me neste artigo a discutir aspectos subjetivos e objetivos da produção de narrativas autobiográficas. A reflexão sobre memórias, no entanto, permite um diálogo entre aspectos micro e macroanalíticos da sociologia – considerando que o processo de rememorar, imbricado em nuances subjetivas da autobiografia, também informa sobre o cenário mais amplo de desigualdades de oportunidades educacionais de acesso ao ensino superior. Apresento a seguir a história de vida de Tatiana, estudante mineira de escolas públicas que pleiteou e conseguiu uma vaga na Universidade Federal de Minas Gerais. A seleção desta autobiografia se justifica menos pelo potencial de representatividade do grupo ou da coletânea, e mais pela riqueza subjetiva de seu relato, com estratégias, regularidades e singularidades que permitem problematizar o processo e o resultado de sua escrita no contexto de tentativa de inclusão de estudantes de origem popular no cenário universitário.

A CAMINHADA DE TATIANA: MEMÓRIAS DE UMA ESTUDANTE

Compreender o lugar da subjetividade na escrita de si e os modos de subjetivação do narrado (Sarlo 2005) são fundamentais para analisar a trajetória escolar que segue. O resgate do sujeito, após a crise estruturalista na década de 1970 (Silva 2001), permite a proliferação de narrações chamadas "não ficcionais" (Sarlo 2005), em que o relato da experiência do sujeito renasce e ganha sentido no testemunho. Ainda que o sujeito aqui não esteja desgarrado de disposições objetivas, é interessante enquadrar a ideia de uma "guinada subjetiva" quando se publica uma coletânea com mais de 700 memoriais escolares. É na escrita autobiográfica que o relato do que foi vivido pode ser não apenas conservado, mas utilizado como ilustração de uma realidade.

Intitulada "Casinha Branca", Tatiana inicia sua autobiografia escolar situando sua condição socioeconômica: "não tive uma infância provida de regalias financeiras, como a grande maioria das pessoas de origem humilde". Primogênita de uma família de quatro filhos, a estudante reforça no início de sua história a cobrança que sofria em relação a seu comportamento no ambiente escolar, familiar e até nos momentos de descontração, "nas rodas de brincadeiras" (UFMG 2006, 19). O conjunto de estudantes de origem popular que escreveram suas trajetórias escolares na UFMG é composto majoritariamente pela primeira geração de suas famílias que ingressa no ensino superior: a presença de irmãos e a necessidade de dar exemplos de disciplina e responsabilidade são característicos da maior parte dos relatos.

Ainda que se trate de um memorial escolar, existem outros espaços de socialização que constituem uma rede tão importante quanto a da instituição escolar para contar a caminhada à universidade: como o caso da origem popular é particularmente caro aos objetivos do programa, é justamente a partir da família que usualmente se iniciam e baseiam os relatos. No caso de Tatiana, é a morte da mãe que aparece no segundo parágrafo como acontecimento decisivo para prosseguir a história: a "falta

de atendimento médico na rede pública de saúde” (UFMG 2006, 19) é apontada como a causa do falecimento, indicando um dos diversos obstáculos que permeariam sua trajetória escolar.

É interessante perceber os diferentes tempos constituidores da memória: o que parece ser rememorado é, de fato, uma articulação entre o tempo passado, o presente e o futuro. Resgatar essas lembranças a partir do hoje, e do contexto específico em que o indivíduo se situa, é parte dessa seleção da memória (Halbwachs 1990): isso fica claro quando Tatiana, enquanto adulta, revela em tom de denúncia as causas da morte de sua mãe. A interpretação da autora sobre os acontecimentos de sua própria vida não são, portanto, desvinculados de seu status social e sua capacidade reflexiva atual, “o tempo próprio da lembrança é o presente: isto é, o único tempo apropriado para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio” (Sarlo 2005, 49).

No trabalho desenvolvido ao longo dos dez meses de escrita do livro, fica evidente a eficácia da memória como um elemento que permite a coesão do grupo, revelando seu caráter coletivo, reconstruído a partir do presente e coerente com o fim que uniu determinados estudantes para contarem suas histórias. O resgate da memória sofre alterações pela transformação de nossas próprias percepções e pela influência do relato de outros, e essa memória, como indica Halbwachs (1990), depende da relação com alguns grupos de referência, como a família, a igreja e a escola. Ao pensar, então, que essas memórias individuais estão vinculadas à memória coletiva do grupo de estudantes em questão pode contribuir ao analisar o conjunto de autobiografias como harmônico, no sentido de que suas referências, ao menos quando contadas, apresentam mais regularidades do que diferenças.

Sem pretender já enquadrá-los sob uma definição, é necessário, ao menos, mapear as possibilidades de se lidar com esse conjunto de pessoas. Para problematizar a noção de um “grupo”, é válido ressaltar a diversidade de termos referentes à origem social dos estudantes por parte do próprio programa: “comunidades

populares,"⁴ "origem popular",⁵ "oriundos de favelas e periferias", "situação de vulnerabilidade social", "camadas populares" e "estudantes mais pobres" são alguns exemplos.⁶ Incluí-los sob o termo "comunidade" pode ser uma estratégia perversa, que mais homogeneiza e harmoniza do que ressalta os possíveis conflitos e relações de poder ali imbricadas. Ainda assim, critérios relacionados à renda e à autoidentificação étnica indicam um recorte que torna menos desiguais as memórias relacionadas à origem social.

Michael Pollak (1992) – apropriando-se da ideia de Maurice Halbwachs de memória enquanto um *continuum*, coletivo, selecionado e pensado a partir de tempos históricos diferentes – destaca a noção de memória enquanto instrumento de poder, como possível estratégia de mobilização política. Considerando que o grupo de bolsistas foi selecionado pela coordenação do Programa Conexões de Saberes na UFMG a partir não apenas de quesitos financeiros, mas também do envolvimento dos jovens com movimentos sociais e a autoidentificação étnica, 22 dos 25 estudantes mencionaram o quesito racial como impactante em sua trajetória. As menções, nesse caso, são geralmente negativas, apontando situações de racismo.

Ainda que pelas limitações do artigo o debate não seja aqui aprofundado, é sabido e amplamente analisado atualmente o cerne da questão racial no contexto de desigualdades de acesso ao ensino superior (Osorio 2009; Andrade e Dachs 2007; Carvalho e Grin 2004; Mont'Alvao 2011; Heringer 2002), debate este que à época da produção do livro da UFMG, entre 2004 e 2006 estava em seu ápice, com as primeiras implementações de políticas afirmativas referentes a cor e raça em universidades federais brasileiras.

4 Prefácio da coletânea, página 6; título do Programa Conexões de Saberes: Diálogos entre a Universidade e as Comunidades Populares.

5 Nome da coletânea: "Caminhadas de Universitários de Origem Popular".

6 Demais exemplos retirados de diversos depoimentos.

No caso de Tatiana, logo no início do relato ela menciona a “miscigenação” de sua família, que ela reconhece como havendo “brancos europeus, índios, negros africanos” (UFMG 2006, 19). Em relação à sua própria cor, ela reflete: “a cor de minha pele tanto abriu quanto fechou portas na minha vida. Nas diversas situações que a mim se apresentavam, sempre soube que tinha (e tenho) ‘boa aparência’ para certos cargos e outros não” (UFMG 2006, 23).

A noção de exclusão de um grupo social do ensino superior público presente nos relatos evidencia como aspecto central não apenas a origem social dos estudantes participantes do projeto na UFMG, mas a militância em movimentos sociais que tem a raça como mote de luta. O tom da maioria dos depoimentos nesse livro indica que essa publicação pode ser a chance de divulgação de uma reivindicação. É a ideia especificamente de reparação vinculada a um “dever de memória” (Heymann 2007): ou seja, não apenas o resgate da memória, mas a divulgação de aspectos vitimizadores em que se exige uma reparação. A mensagem que se passa através da memória é que negros e pardos oriundos de comunidades populares estão em desvantagem no sistema educacional. A chance, portanto, de transmitir através de suas histórias de vida uma reivindicação de direitos de minorias torna-se um “dever”, uma oportunidade única.

A baixa escolaridade das gerações anteriores à Tatiana indica a “simplicidade” de sua família, como ela afirma. Tendo frequentado apenas até o quarto ano primário da escola, seus pais “transbordavam conhecimento popular, daquele conhecimento moldado pela oralidade que ‘atravessa gerações a fio’ e constitui boa parte da beleza cultural do país” (UFMG 2006, 19), reforça a autora.

É interessante pensar, e talvez identificar de fato uma ruptura entre gerações – consequente da longevidade escolar –, a possibilidade de Tatiana “escrever” sua trajetória. A capacidade de comunicação, via escrita, das dificuldades e limitações das trajetórias escolares explicitadas, só é possível uma vez que os depoentes façam uso da legitimação de pertencerem ao ambiente universitário. O contar a caminhada à universidade com

possibilidade de publicação (e ampla divulgação) só é possível com a aprovação do selo da instituição federal; os autores-bolsistas lutam pela imposição de sua visão de mundo como legítima e apenas o podem fazer por pertencerem a ambos os ambientes. A nova posição social do locutor é o que possibilita aos depoentes serem porta-vozes autorizados (Bourdieu 1992) de uma palavra oficial, de serem reconhecidos como parte da linguagem da própria instituição, assim como do que falam – suas origens populares.

A realidade apresentada por Tatiana acaba confirmando o que, à época, fez Michel Pollak se interessar por entrevistas de história oral: o fato de os relatos autobiográficos escritos estarem geralmente “marcados pela experiência daquelas [pessoas] que tinham facilidade no uso da escritura, por sua passagem por uma escolarização prolongada, em geral pela universidade” (Leite Lopes 1999, 105). No caso dela, a primeira universitária da família.

Ao pensar sobre a conexão de saberes – ou seja, a conexão entre a oralidade tradicional de uma cultura popular de sua família com hábitos acadêmicos –, Tatiana conta que apesar dos poucos estudos, sua mãe sempre leu bastante e tinha como “*hobby* a confecção de cadernos de receitas e pequenos poemas” (UFMG 2006, 19), intercalando os trabalhos domésticos com o prazer pela escrita desses cadernos.

De seu pai ela rememora as “dezenas de livros de faroeste norte-americano” (UFMG 2006, 19): a paixão de seu pai pelas histórias, contadas por ela através da memória do som das gargalhadas que ele dava enquanto as lia, despertou o que ela chama de “necessidade de estar do outro lado”, enquanto leitora. A teatralização do pai enquanto lia gibis da Turma da Mônica a ela e uma de suas irmãs, “fazendo ‘caras e bocas’”, levava-a a um verdadeiro “delírio” (UFMG 2006, 20). O “gosto pelas coisas escritas” (UFMG 2006, 20) aparece, então, quase como consequência natural dessa rotina que envolvia ler ao prazer. Por alguns parágrafos, os aspectos negativos e desesperançosos relacionados à sua infância parecem esvaír-se pelo sonho literário.

Seu pai, “ríspero, áspero e, de certo modo, até inflexível”, sofrera muitas rejeições durante a infância, o que explicaria as “poucas afeições com os outros e conosco, seus filhos”, diz ela (UFMG 2006, 20). Foi em uma professora, no entanto, que ele encontrou a “amizade e o incentivo” necessários para desenvolver o gosto pela leitura. A incompatibilidade entre o tempo da escola e do trabalho, no entanto, o afastaram das salas de aula: era o resgate de seu personagem favorito ainda enquanto adulto, Dom Quixote de La Mancha, que o levavam à infância perdida.

Tatiana transpassa à sua escrita seus diversos “campos de memória”: o relato de um riso, de um cheiro, de uma música cantada tornam complexa a ideia de rememorar. É no mosaico dos detalhes, muitas vezes sensoriais, que sua história é construída.

A figura masculina é reforçada em sua trajetória escolar pela importância que Tatiana concede não só a seu pai, mas também ao avô paterno, este pelo “exemplo de sensibilidade e amor à arte” – “meu avô, meu herói”, escreve ela (UFMG 2006, 21). É interessante notar que a figura materna (prolongada às avós, tias, vizinhas etc.) tenha um papel central em trajetórias escolares de estudantes de origem popular (Almeida 2007; Silva 2001), destacando-se, portanto, a relevância das referências masculinas na caminhada educacional de Tatiana.

A estudante não apenas relembra aspectos do universo familiar que de fato ela viveu, mas reconta o que lhe foi contado, histórias da infância de seu avô e de seu pai, repassadas, e talvez por isso revividas, pelas gerações seguintes.

l seu avô Morava na roça e, entre os deveres impostos pela simplicidade da vida interiorana e os solfejos da infância, aos cinco anos – autodidata – se alfabetizou, aos oito adquiriu seu primeiro instrumento de cordas. A paixão pela música atravessou o tempo e o fez um profissional da noite. Durante o dia, trabalhava como pintor de paredes para complementar a renda da casa. Foi assim que criou, longe da esposa doente, seus oito filhos. (UFMG 2006, 20), conta ela.

É explícito, então, que histórias individuais suficientemente ricas – típicas ou excepcionais (Grendi 2009) – permitem, através de suas informações, a construção de diferentes relações, como histórias de família e demais tipos de “relações estruturadas”. Através de sua história de vida, Tatiana conta a história de seu núcleo familiar.

O “fascínio da música” viria, então, pelas noites de “voz e violão” tocadas pelo avô, quando, acima de tudo, compartilhava-se “gostos e emoções” (UFMG 2006, 21). É pela lembrança das leituras de seu pai e do desenvolvimento do gosto pela música que Tatiana começa a escrever sobre sua vivência escolar. “Sempre fui aluna boa”, diz ela, mas seus colegas e familiares não compreendiam seus questionamentos e sua insistência em determinadas discussões. Na infância, sua família chegou a considerar que ela possuía alguma espécie de “desvio psicológico”:

[Eu] visitava constantemente as bibliotecas. Devorava pilhas e pilhas de livros que chegavam a coleções inteiras. Deliciava-me em meio às páginas e conteúdos propostos. Meus amigos ficavam horrorizados e minha família preocupada acabou me levando ao médico para fazer um eletroencefalograma aos nove anos de idade, acreditando que eu estava ‘pirando’, literalmente. Naquela época, eles não compreendiam que eu tinha necessidades de informação distintas da grande maioria das crianças. Minhas motivações não se ajustavam ao padrão que eles tinham em mente. Na concepção deles, isso beirava a anormalidade.” (UFMG 2006, 21)

Por se perceber mais madura do que os jovens de sua idade, fazendo com que ela não se encaixasse em nenhuma “tribo” (UFMG 2006, 21), Tatiana se refugiava com pessoas mais velhas, tentando consolidar aos poucos o desejo de ingressar na universidade. Assumindo que sua escrita está contextualizada pelo tempo presente, Tatiana reconhece que hoje entende e respeita a dificuldade de seus familiares e amigos ao não compreenderem sua ânsia pela leitura, na época: “Hoje eu entendo a preocupação deles. Entendo e respeito, mas não me submeto. Bem, eles ainda continuam sem compreender...” (UFMG 2006, 21). Aqui volta a ficar clara a “hegemonia do presente sobre o passado”, que no caso do testemunho se apoia na memória e na subjetividade

(Sarlo 2005). Assume-se, na escrita de Tatiana, uma reflexão pautada na experiência daquilo que é lembrado.

As práticas e os gostos distintivos de Tatiana marcam um *habitus* (Bourdieu 1996) específico, característico desse grupo de jovens, que os orienta para a articulação de estratégias escapa-tórias do fracasso escolar esperado.⁷

A escolha do curso universitário, de acordo com ela, estaria di-retamente ligada à influência libertária que a leitura teve em sua vida. Sem explicitar se houve alguma mudança de interesse em disciplinas ao longo do processo do vestibular, Tatiana diz encontrar no curso de Biblioteconomia tudo o que ela esperava. É válido ressaltar que a escolha do curso é um aspecto central no desenvolvimento de estratégias para o ingresso no ensino superior público: não são raros os relatos que indicam a prefe-rência, afinidade ou gosto pessoal por um determinado curso, mas devido à alta competitividade na relação entre candidatos e vagas, ajusta-se a preferência inicial para cursos realisticamen-te mais viáveis de se ingressar.

No processo de tentativa de ingresso na UFMG, Tatiana via na família o reflexo do mundo: “a família sempre foi fonte de re-ferência para mim, (...) pode ser tão amável e cruel quanto o mundo” (UFMG 2006, 22). A desestruturação familiar, princi-palmente no quesito financeiro, fez com que Tatiana tivesse de trabalhar “bem cedo”, vendendo doces na escola para garantir a compra dos livros. Ela relata as constantes mudanças de es-cola e seu conseqüente “senso de autoadaptação em situações extremas”: tal qual a mudança para a casa dos avós maternos quando tinha 15 anos, e a necessidade de interromper seus es-tudos ao longo de um ano.

7 Ainda que a tendência do *habitus* seja a reprodução das relações objetivas que o engendram, a interpretação bourdieusiana indica-o “como princípio que gera e estru-tura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso sejam produto da obediência de regras” (Bourdieu 1996).

Ainda que por vezes a inserção no mercado de trabalho seja um motivador do investimento na educação para maior retorno em relação a *status* e remuneração, a conciliação do estudo com o trabalho configura-se como um dos maiores obstáculos à trajetória educacional, contribuindo inclusive para altos índices de evasão do ensino superior para aqueles que conseguiram o ingresso (Almeida 2007; Silva 2001; Portes 2001). Caracterizando-se como uma "profissional multifacetada", a trajetória de Tatiana no mercado de trabalho foi de fato diversificada e acompanhou a maior parte de seu percurso escolar:

Fui babá, faxineira, atendente de consultório odontológico, recepcionista de consultório de acupuntura, trabalhadora de linha de produção de uma tradicional empresa de cosméticos nacional, cantora nas horas vagas, bordadeira, 'crocheteira', operadora de 'call center', entre outras possibilidades de sobrevivência (UFMG 2006, 22).

Tatiana refere-se à sua dependência aos cuidados dos adultos em tom de desagrado: "Infelizmente, eu ainda era *menor de idade* e dependia da boa vontade dos *adultos*" (UFMG 2006, 22, grifos da autora). As limitações que permeavam a tentativa de prolongamento educacional são evidenciadas por falas desacreditadas em relação a seu futuro. Segundo pessoas próximas, "segundo grau era artigo de luxo" e "estudar pra quê, se destino de mulher é esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque?" (UFMG 2006, 22). Ao longo da trajetória escolar, percebe-se que é a partir do apoio não apenas logístico, mas de se acreditar no sucesso educacional do estudante que a noção de um "destino objetivamente determinado" (Bourdieu 1996) é desestruturada, tornando o "impossível" em algo estrategicamente alcançável. A visão otimista em relação ao futuro educacional pode ser construída a partir de uma combinação de maior acesso a informações sobre os custos e benefícios de se investir na educação, assim como a presença de pessoas próximas e do mesmo meio social na universidade, que incentivam os estudantes e indicam a possibilidade de que a tentativa pode ser bem-sucedida.

Não há como ignorar a importância de um *ethos* familiar de valorização da escola (Tagliari 2012), em que a autodeterminação

e o esforço dos alunos são construídos ao longo do processo de escolarização e na socialização familiar. No caso, ela cita a influência da família para a descoberta da leitura, e o incentivo de alguns professores e colegas, que admiravam e incentivavam seu bom desempenho em sala de aula.

Mesmo que de forma minoritária, existem relatos na coletânea em que o sucesso escolar perde a conotação plural, de pertencimento à rede de apoio (família, igreja, vizinhança, professores), e passa a ser uma conquista individual – que ultrapassa os inúmeros obstáculos impostos pela configuração social e pela falta de incentivo familiar. O relato da trajetória de Tatiana, em certos momentos, parece se enquadrar nesse esforço individual, sem o apoio de familiares: “Minha família cogitava um bom casamento para mim. Eu me ocupava em me preparar para chegar à UFGM”; “Durante oito anos, fui boicotada e incitada de todas as formas possíveis a desistir de minha empreitada”; “Ah! E o cansaço impregnado no meu rosto abatido. Abatido muito mais pela falta de apoio psicológico do que financeiro. Mas eu precisava seguir em frente, nadar contra a maré...” (UFGM 2006, 22).

Ainda que seja uma regularidade nos outros relatos dos estudantes da UFGM o incentivo e investimento na educação por parte de algum familiar, amigo ou professor, de fato, não são exceção aqueles que reconhecem a instituição de ensino superior pública como cada vez mais, tanto pelas famílias como pelos próprios alunos, “uma imensa decepção coletiva: uma espécie de terra prometida, sempre igual no horizonte, que recua à medida que nos aproximamos dela” (Bourdieu e Champagne 2007, 221). Trajetórias consideradas de exceção, como as de Tatiana, articulam estratégias que buscam explicar o porquê da insistência naquilo que é considerado impossível. A escrita dos depoimentos e a participação no programa reforçam justamente o ciclo de sucesso esperado pelos estudantes: contando suas trajetórias escolares vitoriosas, eles esperam incentivar outros de seu meio social a lutar pelo que antes era tido como um “sonho”, algo “inatingível”.

Dentre as razões de escolha da universidade, ela justifica o fato de ser "pública" e "uma das melhores do país". Mais do que um "sonho", suas escolhas parecem ser restritas: "Não via e não queria enxergar outra possibilidade, (...) de forma alguma me sujeitaria aos preços das particulares (não tinha recursos para isso)."⁸ (UFMG 2006, 22)

A questão de gênero surge no relato de Tatiana como um obstáculo relevante em sua trajetória:

Só quem sente na pele é capaz de ler nas entrelinhas o sentido estrito do preconceito. Discriminação de gênero, de cor e de classe social. Ser mulher não é a tarefa mais fácil do mundo, isso é fato. É claro que não deixa de ser prazerosa e privilegiada. Nenhum homem é capaz de enxergar a vida e as pessoas como uma mulher. Geralmente superamos em intensidade, em originalidade e em extensão. Quase toda mulher vivencia a realidade cotidiana de ter de sobreviver aos preconceitos e machismos dos colegas de trabalho, dos irmãos, dos tios, dos primos, dos namorados, dos amigos, do pai, na caminhada diária de sua existência. Isso quando, na maioria das vezes, não é impelida e coagida por outras mulheres a se contentar com as migalhas e os restos do que só um homem pode ter. Não estou levantando nenhuma bandeira de feminismo radical, apenas pontuando algumas percepções que, às vezes, somos impedidas de fazer sob alegação e taxaço de destituição da feminilidade (UFMG 2006, 23).

Ainda que estudos mostrem que mulheres apresentam mais chances de completar a educação secundária e entrar na universidade em relação aos homens, tanto na rede privada quanto na pública, e que o fator racial tenha uma influência significativamente superior à questão de gênero quando se analisa longevidade escolar (Mont'Alvaio 2011; Henriques 2002), a autobiografia de Tatiana ressalta que o preconceito à mulher entra como grande fator de descrédito frente à sua tentativa de ingresso no ensino superior.

8 Como já mencionado, os jovens em análise empenharam-se em obter aprovação em vestibulares entre 2000 e 2005, logo antes do lançamento do ProUni (Programa Universidade para Todos), que começou a oferecer bolsas integrais e parciais para estudantes do setor privado a partir de 2005.

Uma vez expostas as manobras realizadas para fugir à regra do fracasso escolar, com todos seus percalços e obstáculos, Tatiana descreve a experiência universitária como “fantástica”: “Não apenas pela diversidade dispersa e ao mesmo tempo mesclada nos indivíduos e situações, mas também por permitir voos cada vez mais altos. Sinto-me em terra firme, em plano raso, em posição privilegiada” (UFMG 2006, 23).

Tatiana, então, pensa sobre a fruição da universidade como a noção de “caminhar *no campus e pelo campus*”.⁹ Nesse caminho, e na tentativa de conferir sentido a uma experiência plástica e complexa, ela aponta os diversos obstáculos. Não há nada de simples em construir esse percurso, e a própria localização do campus deve ser levada em consideração, uma vez que as distâncias e vivências no caminho físico à universidade constituem também essa noção maior de caminhada simbólica:

Por vezes, a caminhada torna-se angustiante e dolorosa quando as pedras no caminho aparentam ser maiores que as forças impelidas para retirá-las. Se, por um lado, adquire, diariamente, consciência da vitória que é ocupar esse espaço, por outro, muitas vezes temo por não saber até quando poderei prosseguir (UFMG 2006, 24).

As necessidades primárias para conseguir prolongar a longevidade na universidade aparecem como urgências do cotidiano.

Eu tenho caminhado no *campus*, como tantos outros colegas, em busca de formação e desenvolvimento teórico, científico e tecnológico, lutando diariamente para vencer todas as deficiências que a escola pública e que a minha condição social permitiram que eu desenvolvesse (UFMG 2006, 24).

É interessante pensar no detalhamento da escrita de Tatiana sobre o caminhar no campus: para Michel de Certeau (1994, 177), “o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua ou para os enunciados proferidos. (...) O ato de caminhar parece, portanto encontrar uma primeira

definição como espaço de enunciação”. Caminhar pela universidade também pode ser esse ato que “afirma, lança suspeita, arrisca, transgredir, respeita”, principalmente quando se elabora um discurso sobre a caminhada, sobre esses percursos diários e enunciadores. Caminhar é aprender o mundo e tentar sistematizar a realidade enquanto se caminha. A escrita de si e sobre si age como cristalização desse corpo que caminha e enuncia.

Mais do que reconstrução de uma identidade, o caminhar, observar, enunciar e escrever sobre seus dados biográficos torna-se uma “obsessão”, diria Sayad (1993). A reflexão sobre si constitui, em certas circunstâncias, a única reação possível de uma certa autoproteção. Ou seja, pensando o campus e suas contradições, suas desigualdades, para que esses caminhantes sejam compreendidos exige-se que a pessoa se questione a fundo, ganhando uma postura de autoanálise, um trabalho de esclarecimento sobre si mesmo – vide a escrita da própria coletânea. O sujeito caminhante, no caso o biografado, também se torna através do relato um informante de marcos sociais: o relato de vida de Tatiana (e dos demais narradores) é um meio para pensar desigualdades educacionais e as atuais políticas de inclusão social no ensino superior brasileiro.

Não é possível desvincular o depoimento da proposta política do livro em que se encontra, principalmente quando críticas realizadas ao Projeto Conexões de Saberes são geralmente positivas, próximas de elogios em relação à oportunidade concedida aos estudantes de evidenciar os percalços enfrentados para chegar à universidade, como ao apoio financeiro, com a bolsa de iniciação científica, que suaviza obstáculos relacionados à permanência no ensino superior. No depoimento de Tatiana, trata-se de um “projeto de realização pessoal”:

O Projeto Conexões de Saberes pode ser definido dessa maneira: trabalhar com jovens de origem popular tem sido a continuidade prática de um projeto de realização pessoal e profissional que, a cada dia, como um novelo de lã, vem se desenrolando ainda mais. Percebo que esse é um processo inicial de uma longa caminhada. A aprovação no vestibular foi, apenas, o primeiro arranque (UFMG 2006, 24).

Já que se deve, enfim, colocar um ponto final na história, é possível interpretar que Tatiana escolheu concluir seu relato de forma reticente. Isso claramente se deve ao fato de a memória sobre a caminhada à universidade estar vinculada a uma memória muito recente. Ainda que toda memória possua traços de diferentes temporalidades, praticamente não há distanciamento do que Tatiana conta sobre o que vive na universidade e sobre o que espera do futuro. É a subjetividade do presente em sua forma mais explícita: a experiência, no caso, dificilmente é desvinculada do relato. Sobre qual rumo a caminhada irá levar, Tatiana indica que, ao menos, o percurso será traçado em solo menos movediço:

A universidade tem me proporcionado mais essa experiência fantástica de poder voar alto, reconhecer o terreno a ser semeado, enxergar além das aparências, planar... E eu tenho planado agora... O meu futuro, hoje, é menos incerto do que outrora fora (UFMG 2006, 25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caráter “reparador” (Heymann 2007) da coletânea “Caminhadas de Universitários de Origem Popular” está presente na sensação de “dever” que os depoentes têm de divulgar suas memórias de vida para que seja possível reivindicar uma mudança no futuro. A publicação dos livros está vinculada a demandas do presente (Abreu 2007) – no caso, o contexto de políticas públicas de democratização do acesso ao ensino superior.

De certa forma, é possível interpretá-la como a institucionalização de uma comemoração das “caminhadas vitoriosas” à universidade. É a divulgação a nível nacional de um grupo de trajetórias de sucesso, que relembram, juntos, seus percursos e percalços: comemora-se o sucesso de poucos, para lembrar a demanda de muitos.

Sobre o processo da escrita, pode-se dizer que a biografia é, por natureza, uma narrativa histórica, uma sucessão cronológica de eventos que conjuga temporalidades distintas¹⁰ (Chevalier 1973): uma das dificuldades da escrita autobiográfica consiste na passagem do discurso ao texto, em transformar o oral, no escrito. Nesse processo são realizadas associações diversas, nas quais o meio social do narrador é descrito: os processos de socialização são, desta forma, explicitados.

Tomada isoladamente, destaca Chevalier, a biografia não prova nada, não demonstra nada. As vantagens de sua riqueza de detalhes e da massa de novas informações só são aproveitadas quando se entende o contexto social em que o relato se insere. Assim, a autobiografia sacia, através de registros diferentes, a história individual, a história de um grupo social e os problemas que lhe são próprios.

Uma vez que aqui realizei a apresentação de uma autobiografia, é válido destacar as várias leituras possíveis de um texto biográfico, que dizem respeito aos diferentes níveis de apreensão de uma mesma realidade. Tanto no caso da história, como da microsociologia, a utilização de histórias de vida está sempre vinculada a questões mais amplas, seja colocadas pelo narrador ou por aquele que interpreta o relato. O contexto em que se insere a biografia é, portanto, fundamental para sua compreensão: "uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica" (Levi 2000, 176).

10 As limitações do método biográfico também devem ser ressaltadas, principalmente no caso da coletânea e seu longo processo de costura, com os vários remendos e possível fio condutor organizacional dos relatos. Pierre Bourdieu (1996), por exemplo, considera uma ilusão a existência de uma coerência esperada nas histórias de vida; equivale-se a pensar em "um trajeto, uma corrida, um *cursum*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional, que tem um começo (...), etapas (...) e um fim da história" (Bourdieu 1986). A atribuição de um sentido à existência da vida é problemática, considera o autor.

Uma chave de interpretação possível para a publicação deste conjunto de memoriais é o de “biografias coletivas”. Apesar de, como mencionado anteriormente, a coletânea possuir diversas especificidades, uma vez que se seleciona um dos livros para análise, o recorte do grupo de autobiografias torna-se mais homogêneo pelos critérios que a própria coordenação do projeto estabelece. No caso da seleção do Programa Conexões de Saberes na UFMG, o grupo de “universitários de origem popular” refere-se a um perfil socioeconômico e identificação étnico-racial indicados previamente pela fundação de assistência estudantil da universidade. É possível, então, um resgate de regularidades desse grupo social para o mapeamento de uma biografia coletiva. O interessante é que, a partir da prosopografia, pode-se pensar a formação ou a desconstrução de identidade de um grupo, assim como problematizar a noção de redes e trajetórias.

A possibilidade de uma análise a esse nível com a coletânea permite a descrição de uma determinada população em sua dinâmica social cultural, ideológica ou política (Charle 2006), o que pode ser interessante para construir, ou não, um perfil desses “novos estudantes”, que apesar de conhecidos em algumas universidades privadas, ainda são exceção nas instituições de ensino superior públicas.

Como definido por Lawrence Stone, a prosopografia é a investigação das experiências comuns, características de um grupo de agentes da história, por meio de um estudo coletivo de suas vidas. É particularmente pertinente essa proposta para a análise da coletânea uma vez que se pode “apoderar, através das biografias coletivas, do funcionamento social real das instituições ou dos meios nos quais agem os indivíduos considerados” (Charle 2006).

A autobiografia, portanto, mais do que uma mera expressão do “eu”, constitui-se como uma nova dimensão, um “rastros expressivo dos meios sociais silenciosos no indivíduo” (Levillain 1996): ela pode revelar, portanto, as realidades socioeconômicas de uma época. Em conjunto, as autobiografias de grupos sociais

tornam-se uma possibilidade de “renovar-se internamente sua história social”.

Como o processo de escrita da coletânea levou ao ápice a noção de “memórias enquadradas” (Pollak 1989), os objetivos e critérios organizacionais dos textos estavam diretamente relacionados com um projeto político do Ministério da Educação, o que não deve ser ignorado. A compilação de dados biográficos é, então, inevitavelmente permeada por lacunas e lapidações. Por ser uma fonte secundária e escrita, perde-se a oportunidade de, tal qual em uma situação de entrevista, possuir informações comuns das histórias de vida que contemple todos os memoriais.

Apesar dessas limitações, não se pode esquecer que “o não dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato” (Voldman 1998), seja ele monitorado ou não pelo pesquisador. Esses elementos existem, portanto, não apenas pelo fato de o trabalho ter sido realizado em grupo e direcionado com fins bem delimitados, mas são constituintes do próprio relato, a quem se narra e de onde se narra.

REFERÊNCIAS

- Abreu, Marcelo Santos de. "As Comemorações da Revolução Constitucionalista de 1932: Representação do Passado e Construção Social do Espaço Regional (São Paulo, 1934 e 1955)," *Revista Estudos Históricos* 40 (2) (2007).
- Almeida, Wilson Mesquita de. "Estudantes com Desvantagens Econômicas e Educacionais e Fruição da Universidade," *Caderno CRH* 49 (20) (jan./abr. 2007): 35-46.
- Andrade, Cybele Yahn, e Norberto W. J. Dachs. "Acesso à Educação por Faixas Etárias segundo Renda e Raça/Cor," *Cadernos de Pesquisa* 131 (37) (2007): 399-422.
- Bourdieu, Pierre, e Patrick Champagne. "Os Excluídos do Interior." In *Escritos de Educação*, editado por Maria Alice Nogueira, Afrânio Catani, 217-227. Petrópolis: Vozes, 2007.
- Bourdieu, Pierre. *Esboço de Autoanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Bourdieu, Pierre, "Compreender." In *A Miséria do Mundo*, editado por Pierre Bourdieu. Petrópolis: Vozes, 1993.
- Bourdieu, Pierre. *Razões Práticas*. São Paulo: Papyrus Editora, 1996.
- Carvalho, José Murilo de, e Monica Grin. "Universidade Pública, Elitista?." *Ciência Hoje* 203 (34) (2004): 16-20.
- Certeau, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Charle, Christophe. "A Prosopografia ou Biografia Coletiva: Balanço e Perspectivas. In *Para uma outra História das Elites. Ensaio de Prosopografia e Política*, editado por Flavio M. Heinz. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- Chevalier, Yves. "La biographie et son usage en sociologie." *Revue Française de Science Politique* XXIX (1979): 83-101.
- Grendi, Edoardo. "Microanálise e História Social." In *Exercícios de Micro-história*, editado por Mônica Ribeiro de Oliveira, e Carla Maria Carvalho de Almeida. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- Halbwachs, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- Henriques, Ricardo. *Raça e Gênero no Sistema de Ensino – os Limites das Políticas Universalistas na Educação*. Brasília: Unesco, 2002.

- Heringer, Rosana. "Desigualdades Raciais no Brasil: Síntese de Indicadores e Desafios no Campo das Políticas Públicas." *Cadernos de Saúde Pública* 18 (2002).
- Heymann, Luciana Quillet. "O Devoir de Mémoire na França Contemporânea: entre Memória, História, Legislação e Direitos." In *Direitos e Cidadania: Memória, Política e Cultura*, editado por Ângela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- Leite Lopes, José Sergio, e Rosilene Alvim. "Uma Autobiografia Operária: a Memória entre a Entrevista e o Romance." *Estudos Avançados* 37 (13) (1999): 105-124.
- Levi, Giovanni. "Usos da Biografia." In *Usos e Abusos da História Oral*, editado por Janaína Amado. e Marieta de Moraes Ferrera. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- Levillain, Philippe. "Os Protagonistas: da Biografia." In *Por uma História Política*, editado por René Rémond, 148-149. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ 1996.
- MEC/Brasil. *Coleção Caminhadas de universitários de origem popular*. UFMG, 2006.
- Mont'Alvão, Arnaldo. "Estratificação Educacional no Brasil do Século XXI." *Dados* 54 (2) (2011).
- Moreira Filho, Amador da Luz et al. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-Reitoria de Extensão, 2006. Acesso: 03 de julho de 2012. <http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/acervo/publicacoes.php>.
- Osorio, Rafael Guerreiro. "Classe, Raça e Acesso ao Ensino Superior no Brasil." *Cadernos de Pesquisa* 138 (39) (dez. 2009).
- Pollak, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio." *Estudos Históricos* 3 (2) (1989): 3-15.
- Pollak, Michael. "Memória e Identidade Social." *Estudos Históricos* 10 (1992): 200-212.
- Portes, Écio Antônio. "Trajetórias Escolares e Vida Acadêmica do Estudante Pobre da UFMG: um Estudo a partir de Cinco Casos." Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.
- Sayad, Abdelmalek. "A Emancipação." In *A Miséria do Mundo*, editado por Pierre Bourdieu. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.
- Sarlo, Beatriz. *O Tempo Passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Silva, Jailson de Souza e. “Por que Uns e Não Outros?": Caminhada de Estudantes da Maré para a Universidade.” Tese de doutorado, Pontifícia Universitária Católica do Rio de Janeiro, 2001.

Tagliari, Clarissa. “A Chegada ao Ensino Superior: o Caso dos Bolsistas do ProUni da PUC-Rio.” Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro/IFCS, 2012.

Voldman, Danièle. “A Invenção do Depoimento Oral.” In *Usos e Abusos da História Oral*, editado por Marieta de Moraes Ferreira, e Janáína Amado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RESUMO

É objetivo do artigo refletir sobre o acesso ao ensino superior público brasileiro através da coletânea “Caminhadas de universitários de origem popular”, uma publicação do MEC (2008) composta por 33 livros de memórias escolares de universitários de instituições federais, de origem popular. Constituído-se como uma etapa do Programa Conexões de Saberes, o material permite a combinação de análises micro e macrossociológicas, uma vez que o processo de escrita autobiográfica e sua riqueza subjetiva indicam marcos sociais de um contexto de desigualdade educacional. O artigo tem como foco de análise uma trajetória escolar do livro de memórias da Universidade Federal de Minas Gerais.

Palavras-chave: Sociologia da Educação, Escrita Autobiográfica, Trajetórias Escolares.

RESUMEN | "*CAMINHADAS DE UNIVERSITÁRIOS DE ORIGEM POPULAR*": MEMÓRIAS ESCOLARES SOBRE EL ACCESO A LA EDUCACIÓN A LA EDUCACIÓN SUPERIOR PÚBLICA

El objetivo de este artículo es reflexionar sobre el acceso a la educación superior a través de la colección "*Caminhadas de universitários de origem popular*", una publicación del Ministerio de Educación de Brasil (2008). Son 33 libros de recuerdos escolares de estudiantes de origem popular de las instituciones universitarias federales. Constituyéndose como un paso del "Programa Conexión de lós Conocimientos" del gobierno, el material permite la combinación de análisis micro y macro-sociológico, ya que el proceso de la escritura autobiográfica indica un contexto de desigualdad educativa. El artículo se centra en una trayectoria escolar del libro de recuerdos de la Universidad Federal de Minas Gerais.

Palabras clave: Sociología de la Educación, Escrito Autobiográfico, Trayectorias Escolares.

ABSTRACT | "*CAMINHADAS DE UNIVERSITÁRIOS DE ORIGEM POPULAR*": EDUCATIONAL MEMORIES OVER THE ACCESS TO PUBLIC UNDERGRADUATE EDUCATION

The purpose of this paper is to reflect about the access to public undergraduate education in Brazil. The collection "*Caminhadas de universitários de origem popular*", a publication of the Ministry of Education (2008), composed by 33 books of educational memories of federal university students is the analyzed material. This collection is part of the "Program Connecting Knowledges: dialogs between the university and "*comunidades populares*", and allows a micro and macro sociological analysis, considering that the autobiographic process of writing is not only subjectively complex, but also indicates the inequality of educational context in which the memories are immersed. This paper is focused in the analysis of the book of educational memories of the Federal University of Minas Gerais, in Brazil.

Keywords: Sociology of Education, Autobiographic Writing, Educational Trajectories.